



Estrutura da Diversificação das Cooperativas de Crédito Vinculadas à Cresol Confederação: uma Análise Comparativa

Vanderson Ribeiro Gonçalves
UFMG

E-mail: vribeirogoncalves@gmail.com

Ewerton Alex Avelar
UFMG

E-mail: ewertonalexavelar@gmail.com

Resumo

A diversificação das atividades representa uma importante estratégia de crescimento para as empresas em geral. Isso ganha importante relevância nas instituições financeiras e como tal, nas cooperativas de crédito que ao variar suas atividades pode aproveitar os recursos disponíveis de maneira a criar sinergias, obtendo economias de escalas e escopo. Assim, considerando a importância da estratégia de diversificação para as cooperativas de crédito, este estudo analisa a estrutura de diversificação das cooperativas de crédito vinculadas à Cresol Confederação, comparando-as com as demais cooperativas de crédito brasileiras, complementando assim a análise realizada por Vieira e Bressan (2017) em outras três confederações. A partir de uma amostra formada pelas cooperativas de crédito autorizadas a funcionar, calculou-se três indicadores que buscaram evidenciar o grau de diversificação de cada cooperativa. Utilizou ainda estatística descritiva, análise de agrupamento para separar as cooperativas em grupos de acordo com o grau de diversificação e os testes não paramétrico de Kruskal-Wallis e Bonferroni para Comparações Múltiplas a fim de verificar se os grupos formados eram diferentes entre si. Este estudo evidenciou que as cooperativas de crédito vinculadas à Cresol Confederação são em sua maioria altamente diversificadas ou moderadamente diversificadas e que quando comparadas às cooperativas brasileiras se mostram mais diversificadas que essas.

Palavras-chave: Cooperativas de crédito; diversificação; Cresol Confederação.

Linha Temática: Contabilidade Gerencial



1 Introdução

A estratégia de diversificação vem sendo utilizada pelas organizações empresárias como alternativa para viabilizar o seu crescimento (Kupfer & Hasenclever, 2013; Penrose, 2009) e isso não é diferente nas organizações financeiras. A diversificação permite explorar novas oportunidades de negócios, obter sinergias entre os recursos, gerar economia de escopo e escala (Mercieca et al., 2007). A estratégia de diversificação de receitas em instituições financeiras consiste na exploração comercial de outras atividades além daquelas relacionadas à tradicional intermediação financeira (captação de depósitos e empréstimos). Assim, uma instituição financeira é concentrada se a maior parte de suas receitas operacionais advém de operações de crédito ou diversificada quando as suas receitas forem provenientes também de outras fontes que não juros (Vieira & Bressan, 2019).

A maior parte dos estudos sobre diversificação de receitas em instituições financeiras focam o contexto de instituições financeiras empresariais, sendo ainda poucos aqueles que analisaram instituições sem fins lucrativos, como por exemplo, as cooperativas de crédito (McKillop e Wilson, 2012), apesar de haver evidências de que o impacto da diversificação varia de acordo com os diferentes tipos de instituições (Köhler, 2014; Stiroh, 2004; Vieira & Girão, 2016). As cooperativas de crédito podem diversificar suas atividades oferecendo aos cooperados, além do tradicional acesso ao crédito (empréstimos e financiamento), outros serviços financeiros tais como, seguros, conta corrente, aplicações financeiras, consórcio, câmbio etc. Isso, além do potencial estratégico para a organização, pode se reverter em maiores benefícios aos cooperados, que passam a ter acesso a esses produtos e serviços na própria cooperativa.

Salienta-se que essas organizações desempenham um importante papel no desenvolvimento econômico e social dos seus associados e contribuem sobremaneira para a democratização do acesso ao sistema financeiro, seja por atuarem em muitas regiões onde os bancos tradicionais não estão presentes, assim por atenderem públicos marginalizados pelo sistema financeiro tradicional. Além disso, essas organizações contribuem para o aumento da competitividade do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e para o desenvolvimento regional, ao reinvestir os recursos na própria comunidade em que atua (Banco Central do Brasil [Bacen], 2019).

Consciente dessa importância o Banco Central do Brasil (Bacen), órgão responsável pela execução das estratégias do SFN, vem apoiando fortemente o segmento cooperativista financeiro desenvolvendo ações de fomento ao aprimoramento da governança, dos controles e do gerenciamento de riscos dessas organizações (Bacen, 2019), que possuem muitas peculiaridades devido, principalmente, à forma de controle acionário. Neste contexto, destaca-se a importância de estudos, principalmente com base empírica, que visem o entendimento das peculiaridades das cooperativas financeiras de forma a realizar todo o seu potencial organizacional.

Dentro do Sistema Nacional de crédito Cooperativo (SNCC), destaca-se o sistema Cresol (Cresol Confederação), que surgiu da mobilização de agricultores familiares, por meio de suas entidades representativas, visando garantir acesso ao crédito aos seus associados, representando uma alternativa financeira para este público que era extremamente excluído do SFN. Atualmente, a Cresol atua em 15 estados, principalmente em municípios de pequeno e médio porte, congregando cooperativas que atuam sob o princípio do crédito solidário e atendendo mais de 450 mil cooperados (Cresol Confederação, 2019).

Assim, considerando que a estratégia de diversificação de receitas é um importante aspecto da atuação das cooperativas de crédito e considerando que estudos anteriores não abarcaram todas



as cooperativas, entre elas as cooperativas singulares vinculadas à Cresol Confederação, este estudo visa responder à seguinte questão: qual a estrutura de diversificação das cooperativas de crédito vinculadas à Cresol Confederação e como ela se diferencia das demais? Assim, o objetivo é elucidar a estrutura de diversificação das cooperativas financeiras vinculadas ao sistema Cresol no período de 2014 a 2018 e compará-las com a estrutura de diversificação das demais cooperativas financeiras brasileiras. Para tanto, replica-se a metodologia adotada por Vieira e Bressan (2017) em estudo com objetivos similares, referendando a metodologia adotada naquele estudo e fornecendo novos dados empíricos para a área.

O estudo se justifica, inicialmente, pela relevância social apresentada pelas cooperativas de crédito, pois elas desempenham um importante papel no desenvolvimento econômico e social dos seus associados e contribuem sobremaneira para a democratização do acesso ao sistema financeiro, seja por atuarem em muitas regiões onde os bancos tradicionais não estão presentes, como também por atenderem públicos historicamente marginalizados pelo sistema financeiro tradicional (Pinheiro, 2008). Além disso, essas organizações contribuem para o aumento da competitividade do SFN e para o desenvolvimento regional ao reinvestir os seus recursos financeiros na própria comunidade em que atuam (Bacen, 2019). Assim é importante o desenvolvimento de estudos que visam contribuir para a boa gestão dessas organizações. Este estudo contribui ainda para a literatura da área com evidências sobre estratégia de diversificação nas cooperativas de crédito, visto que os estudos anteriores buscaram analisar as relações entre receitas e estratégias em instituições financeiras com enfoque em bancos comerciais (McKillop & Wilson, 2012).

Além desta Introdução, este artigo está dividido em mais quatro seções a saber: Revisão de literatura, onde é revisado o conceito de diversificação e apresentado um panorama do segmento de cooperativismo de crédito e do sistema CRESOL; Metodologia, onde é detalhado os passos adotados neste trabalho; Resultados e discussão, onde é apresentado os resultados dos cálculos realizados; e, Considerações Finais, que traz algumas conclusões do estudo.

2 Revisão de literatura

2.1 Cooperativas de Crédito

As cooperativas de crédito são instituições financeiras, constituídas sob a forma de sociedades de pessoas, com regulamentação própria e criadas para prestar serviços financeiros aos seus associados (Pinheiro, 2008). Sendo instituições financeiras estão autorizadas a atuarem como captadoras de depósitos à vista e a realizarem operações de empréstimos/financiamentos com seus associados, exercendo assim a atividade de intermediação financeira. Além da intermediação financeira essas organizações estão autorizadas a ofertarem aos seus cooperados diversos serviços financeiros e vem utilizando essa prerrogativa para expandir suas atividades (Vieira & Bressan, 2017).

O Sistema Nacional de crédito Cooperativo (SNCC) congrega todas as organizações vinculadas ao sistema cooperativista financeiro. Essas organizações podem ser cooperativas singulares, centrais de cooperativas, confederações e bancos cooperativos. Dessa organização em níveis surgem os sistemas cooperativos que são representados pelas confederações e no Brasil apresentam-se em 4 (Cresol, Sicoob, Sicred e Unicred).

Na publicação do panorama do sistema nacional de crédito cooperativo feita pelo Bacen (2019b) referente ao fechamento (dezembro) do ano de 2018 podemos ver o potencial que essas organizações representam. Apesar de ter terminado aquele ano com um estoque de crédito de 7,9% do total de crédito no varejo, o SNCC apresentou um crescimento dos ativos totais na ordem de



18% enquanto o total agregado do SFN foi de 7%

Este relatório mostra ainda que, apesar do recente movimento de incorporações e fusões vivenciados em todos os sistemas de cooperativas de crédito e que tem levado a uma diminuição do número de cooperativas singulares, houve um crescimento da rede de atendimento dessas cooperativas através dos postos de atendimentos. Há 182 municípios brasileiros que são atendidos apenas por cooperativas de crédito, o que reforça a inclusão financeira que o SNCC promove. Contudo, as cooperativas estão presentes em apenas 47% dos municípios, o que indica um enorme potencial de expansão deste sistema. Em termos percentuais o SNCC detém 2,7% do Ativo Total do SFN, 3,8% da Carteira de Crédito Total e 5,6% do Depósito Total Bacen (2019b) e todos esses índices apresentaram crescimento superior ao agregado do SFN no último ano.

O foco maior desse estudo recai sobre o sistema Cresol, sistema esse mais jovem que os demais e pouco explorados em estudos anteriores. Esse sistema surgiu da mobilização de organizações não governamentais e entidades representativas dos agricultores familiares no estado do Paraná, região sul do país, em 1995. Baseando-se nos princípios da autogestão e do crédito solidário esse sistema veio se expandindo, criando novas cooperativas e agregando outras que adotavam os mesmos princípios. Hoje atendem além de agricultores familiares, trabalhadores do campo e da cidade e está presente em 10 estados. De acordo com dados do Bacen compilados e divulgado (Confedrás, 2019), em julho de 2019 a Cresol Confederação apresentava-se configurada em 4 Cooperativas Centrais (Cresol Baser, Cresol Central, Cresol Sicoper e Ascoob), 82 cooperativas singulares, 435 postos de atendimento e 526.696 associados.

2.2 Diversificação

Os estudos sobre a abordagem da estratégia de diversificação de receitas em empresas industriais têm focado em identificar os benefícios e os custos dessa estratégia. Eles apontam como os benefícios possíveis uma melhor alocação de recursos, um potencial menor de carga tributária devido à maior alavancagem financeira e a possibilidade de usar recursos específicos da organização para estender sua vantagem competitiva para outros mercados (Acharya et al., 2002; Baele et al., 2007; Hernández-Trasobares & Galve-Górriz, 2017). Já os custos associados à diversificação apontados por esses autores são principalmente problemas de agência, alocação ineficiente de capital e assimetrias informacionais entre a matriz e as suas divisões (Elsas et al., 2010).

Para Penrose (2009), uma empresa diversifica as suas atividades produtivas sempre que, sem abandonar completamente a sua antiga linha de produtos, inicia a produção de novos, que são suficientemente diferentes dos antigos a ponto de indicar alguma alteração significativa nos seus programas de produção e distribuição, assim, diversificar inclui o aumento da variedade dos produtos finais fabricados, o aumento da integração vertical e o aumento do número de áreas que a empresa opera.

Especificamente em relação às instituições financeiras, Elsas et al. (2010) observam que, ao contrário de muitas empresas não financeiras que têm focado seus negócios, as empresas financeiras aumentaram sua diversificação a partir do final do século passado e início deste século. Uma forma de mensurar essa diversificação de receitas de instituições financeiras é a utilização do índice de Herfindahl-Hirshman ajustado utilizado por Elsas et al. (2010) e que será mais bem detalhado na metodologia.

O movimento de diversificação de receitas foi também observado no cenário brasileiro a partir do final da década de 80, momento em que o mercado financeiro brasileiro passou por uma



profunda transformação. A exemplo do que já ocorria em outras economias de mercado, houve aqui um processo de desregulamentação e liberalização, sendo retiradas restrições sobre operações financeiras e autorizadas novas formas de serviços a serem oferecidos pelas instituições bancárias (Camargo, 2009; Ferreira et al., 2019). Conforme destacado por Camargo (2009), esse movimento permitiu que os conglomerados financeiros reorganizassem suas diversas carteiras em uma única instituição, o banco múltiplo, e permitiu também o aumento da presença dos bancos estrangeiros no país.

Essas mudanças, aliadas ao fim dos ganhos com receitas de floating, que são aquelas obtidas através da manutenção de saldos não remunerados aplicados em títulos públicos, levou os bancos brasileiros a buscarem novas fontes de receitas (Ferreira et al., 2019). Assim, as empresas financeiras ampliaram a oferta de produtos para além de seus negócios principais através da combinação de inovações financeiras, uso de novas tecnologias e utilização de novos canais de distribuição, diversificando suas receitas (Santomero & Eckles, 2000).

Apesar do foco maior de estudos em instituições financeiras voltadas ao lucro, predominantemente bancos, encontramos na literatura alguns estudos que abordaram a diversificação de receitas em cooperativas de crédito. Esho et al. (2005) descobriram em seu estudo que as cooperativas de crédito australianas com receitas altamente concentradas têm níveis mais altos de risco e retorno já aquelas que diversificam mais suas receitas apresentaram menores riscos e retornos. Por sua vez, Goddard et al. (2008), analisando cooperativas americanas, evidenciaram que as cooperativas de crédito maiores aproveitam melhor os benefícios da diversificação, assim elas deveriam ser encorajadas a explorar mais essas oportunidades, enquanto as cooperativas de crédito menores deveriam ser incentivadas a limitar a sua diversificação e continuar operando com as suas atividades tradicionais de poupança e empréstimo.

A diversificação de receitas das cooperativas brasileiras foi analisada por Vieira e Bressan (2017) que buscaram entender qual a estrutura de diversificação das cooperativas de crédito brasileiras. As autoras classificaram as cooperativas em clusters tendo como variáveis para classificação três índices de diversificação desenvolvidos por elas. O estudo conclui que as receitas não decorrentes das operações de crédito são uma importante fonte de recursos para essas organizações e classificou-as em três grupos distintos: altamente diversificado, moderadamente diversificado e baixo de grau de diversificação (ou concentrado). Esta análise revelou que há uma predominância de cooperativas altamente diversificada (56,8% das cooperativas) e moderadamente diversificada (25,9% das cooperativas). Na amostra do seu estudo Vieira e Bressan (2017) optaram por não considerar o sistema Cresol confederação, assim o presente estudo apresentado neste artigo focará exatamente nessas cooperativas que foram deixadas de fora daquele estudo e assim se aprofundará mais na nas evidências da diversificação das atividades das cooperativas de crédito brasileiras.

3 Metodologia

Os dados utilizados nesta pesquisa foram obtidos junto ao Banco Central do Brasil (2019b; 2019c), onde é divulgado os relatórios com a relação das instituições financeiras em funcionamento no país e os balancetes/balanços contábeis de acordo com o Plano Contábil das Instituições do Sistema Financeiro Nacional (COSIF). Foram coletados os dados semestrais do período de 2014 a 2018, totalizando 10 semestres. Foi considerado este período pois o ano de 2018 era o último ano com dados disponíveis à época da realização da presente pesquisa e ano de 2014 era o suficiente para que o período compreendesse 10 semestres assim como adotado por Vieira e Bressan (2017).



A amostra foi obtida a partir das cooperativas em funcionamento em 31/12/2018 listadas em relatório publicado pelo Bacen. Como o objetivo do estudo foi comparar as cooperativas de crédito vinculadas à Cresol Confederação com as demais cooperativas de crédito brasileiras, inicialmente obteve-se uma seleção de todas as cooperativas do país e, em seguida, outra amostra contendo apenas as cooperativas vinculadas à Cresol Confederação. De ambas as seleções iniciais, foram excluídas as cooperativas das classes central e confederação, já que o objetivo primordial destas é a prestação de assessoria na gestão das cooperativas a elas filiadas e não a prestação de serviços financeiros a cooperados.

A fim de evitar períodos faltantes, o que poderiam comprometer a precisão dos resultados, foram excluídas ainda aquelas cooperativas que não estavam em funcionamento no início do período analisado (foi considerada para verificação a data de 31/12/2013) restando apenas as que se mantiveram em funcionamento durante todo o período. Após estes ajustes a amostra das cooperativas brasileiras (que chamamos de CoopBrasil) compôs-se de 904 entidades, o que representa 97,51% das cooperativas singulares em funcionamento listada no relatório em 31/12/2018. Já a amostra das cooperativas vinculadas a Cresol Confederação (aqui chamada de CoopCresol) compôs-se de 88 entidades, representando 96,7% das cooperativas singulares em funcionamento em 31/12/2018 e vinculadas a essa confederação.

Um dos focos dos estudos em diversificação é como medir essa estratégia, ou que variáveis considerar para determinar se uma organização é diversificada ou não. Penrose (2009) relata que as características dos produtos e mercados dificultam as comparações, pois, não há uma resposta direta, por exemplo, para dizer se uma empresa que produz 30 modelos de sapatos diferentes e mais ou menos diversificada que uma empresa que produz cinco modelos de sapatos e cinco de bolsas. Apesar disso, é comum a utilização de determinados indicadores como os baseados no índice de Herfindahl-Hirschman, que busca medir a importância de cada atividade da empresa em relação à produção total (Kupfer & Hasenclever, 2013).

Para classificar as cooperativas quanto ao grau de diversificação optou-se por adaptar neste estudo a metodologia proposta por Vieira e Bressan (2017) em seu estudo sobre a estrutura de diversificação das cooperativas brasileiras. Assim foram definidas três variáveis distintas que permitem medir o grau de diversificação das cooperativas: **DIV_A**, **DIV_B** e **RNOC**. A variável **DIV_A** é fundamentada no Índice Herfindal-Hirschman e reflete o efeito do grau (ou extensão) em que a cooperativa de crédito é especializada ou diversificada entre atividades com juros e sem juros, ou seja, atividades com operações de crédito e atividades não decorrentes de operações de crédito (Vieira & Bressan, 2017). Para obter esta variável divide-se as Receitas Operacionais (RO) nas categorias Rendas com Operações de Crédito (OCRED) e Rendas Não Decorrentes de Operações de Crédito (NCRED), sendo então utilizada a Equação 1.

$$DIV_A = 1 - ((OCRED/RO)^2 + (NCRED/RO)^2) \quad (1)$$

Os valores de **DIV_A** podem variar entre 0 e 0,5. O valor 0 significa que toda a receita é originada de uma única fonte e a cooperativa é completamente concentrada. Já o valor de 0,5 indica uma divisão completa entre receitas de operações de crédito e outras receitas, ou seja, diversificação completa. Também fundamentada no Índice Herfindal-Hirschman a variável **DIV_B** divide a receita operacional em cinco categorias: Rendas de Operações de Crédito (OCRED); Rendas de Aplicações Interfinanceiras de Liquidez (AIL); Rendas com Títulos e Valores Mobiliários e Instrumentos Financeiros Derivativos (TVMIFD); Rendas de Prestação de Serviços



(PSERV); e Outras Receitas Operacionais (OUTRAS), sendo então utilizada a Equação 2. Esta variável pode assumir valores entre 0, que indica que a cooperativa obtém suas receitas de uma única fonte, e 0,8, que indica um equilíbrio total entre as fontes de receitas.

$$DIVB = 1 - ((OCRED/RO)^2 + (AIL/RO)^2 + (TVMIFD/RO)^2 + (PSERV/RO)^2 + (OUTRAS/RO)^2) \quad (2)$$

Finalmente, **RNOC** é a razão entre as receitas não decorrentes de operações de crédito e as receitas operacionais. Através dela podemos observar o quanto da renda operacional total das cooperativas é impactada pelas receitas não decorrentes de operações de crédito, trazendo um parâmetro de comparação entre a atividade tradicional de crédito e outras atividades (Equação 3).

$$RNOC = NCRED/RO \quad (3)$$

Após o cálculo dos valores semestrais dessas três variáveis, classificou-se as cooperativas da amostra CoopBrasil em 3 *cluster* (grupos), de acordo com o seu grau de diversificação. Assim como adotado por Vieira e Bressan (2017), utilizou-se a base de dados *cross section*, em que as variáveis foram as médias calculadas sobre as observações semestrais para cada cooperativa em cada uma das variáveis **DIV_A**, **DIV_B** e **RNOC** no período em análise. O método de análise de cluster utilizado foi o hierárquico sendo aplicado o método de agrupamento de Ward para ligação dos elementos.

Como não foi verificada a normalidade da distribuição dos dados, foi utilizado o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis e o teste de Bonferroni para Comparações Múltiplas a fim de analisar se os grupos formados eram diferentes entre si. Como último passo, localizou-se nos grupos formados aquelas cooperativas que são afiliadas à Cresol Confederação (pertencentes à amostra CoopCresol) formando-se novos grupos somente com essas cooperativas e mantendo-se nos grupos originais as demais cooperativas (amostra CoopBrasil). Assim, pode-se comparar a diversificação das cooperativas desse sistema com as demais cooperativas brasileiras. Todos os cálculos estatísticos foram realizados utilizando o software Action Stat.

4 Resultados e discussão

A classificação das cooperativas em grupos (*clusters*) conforme o grau de diversificação formou três grupos distintos. No Grupo 1 – Altamente Diversificado ficaram agrupadas as cooperativas que apresentavam o maior grau de diversificação, no Grupo 2 – Moderadamente diversificadas ficaram aquelas com grau de diversificação moderado e no Grupo 3 – Baixo Grau de diversificação aquelas com baixo grau de diversificação. A composição do agrupamento das cooperativas da amostra CoopBrasil está resumida na Tabela 1.



Tabela 1. Agrupamento das cooperativas da amostra CoopBrasil

Grupos	Nº de cooperativas	% de Cooperativas
Grupo 1 – Altamente diversificadas	453	50,11
Grupo 2 – Moderadamente diversificadas	226	25,00
Grupo 3 – Baixo grau de diversificação	225	24,89
Total	904	100,00

Fonte: dados da pesquisa

As porcentagens de cooperativas em cada grupo se mantiveram bastante coerente com os resultados encontrados por Vieira e Bressan (2017), sendo que um pouco mais da metade (50,11%) das cooperativas da amostra é altamente diversificada, 25% são moderadamente diversificadas e 24,89% apresentaram baixo grau de diversificação. Já as cooperativas vinculadas à Cresol Confederação ficaram agrupadas conforme apresentado na Tabela 2. Sendo que 55,68% das cooperativas apresentaram-se altamente diversificadas, 40,91% moderadamente diversificadas e apenas 3,41% com baixo grau de diversificação.

Tabela 2. Agrupamento das cooperativas CoopCresol

Grupos	Nº de cooperativas	% de Cooperativas
Grupo 1 – Altamente diversificadas	49	55,68
Grupo 2 – Moderadamente Diversificadas	36	40,91
Grupo 3 – Baixo grau de diversificação	03	03,41
Total	88	100,00

Fonte: Dados da pesquisa

Os testes que buscaram verificar se os grupos formados eram diferentes entre si foram aplicados sobre a amostra CoopBrasil, utilizando as três variáveis de diversificação. Os resultados estão apresentados nas tabelas 3 e 4. Conforme observado na Tabela 3, o teste de Kruskal-Wallis rejeitou a hipótese nula nas três variáveis, indicando que pelo menos um dos grupos é diferente dos demais. Já o teste de Bonferroni (ver Tabela 4) também rejeitou a hipótese nula em todos os testes realizados, indicando que os grupos formados são diferentes entre si.

Tabela 3. Resultado do teste de Kruskal-Wallis para a amostra CoopBrasil

Variáveis	Estatística	P-valor
DIV _A	691,620	< 0,0001
DIV _B	716,816	< 0,0001
RNOC	745,985	< 0,0001

Fonte: dados da pesquisa



Tabela 4. Resultado do teste de Bonferroni para a amostra CoopBrasil

Variáveis	Grupos	Diferença Observada	Estatística	Limite Inferior	Limite Superior	P-valor ajustado
DIV _A	Grupo 1 – Grupo 2	293,635	28,509	268,932	318,338	0
	Grupo 1 – Grupo 3	547,273	53,057	522,533	572,012	0
	Grupo 2 – Grupo 3	253,638	21,295	225,071	282,205	0
DIV _B	Grupo 1 – Grupo 2	310,679	32,141	287,495	333,863	0
	Grupo 1 – Grupo 3	554,028	57,231	530,809	577,247	0
	Grupo 2 – Grupo 3	243,349	21,770	216,539	270,159	0
RNOC	Grupo 1 – Grupo 2	334,291	37,658	313,000	355,582	0
	Grupo 1 – Grupo 3	559,864	62,977	538,542	581,186	0
	Grupo 2 – Grupo 3	225,573	21,974	200,952	250,193	0

Fonte: dados da pesquisa.

A tabela 5 e 6 apresentam um resumo das medidas de diversificação dos grupos formados tanto para a amostra CoopBrasil quanto para a amostra CoopCresol. Em relação à amostra CoopBrasil, como esperado, os menores valores para os índices DIV_A e DIV_B foram encontrados no grupo de baixo grau de diversificação, contudo, os valores mínimos desses índices para o grupo altamente diversificado foram menores que os valores mínimos para o grupo moderadamente diversificado, o que não era esperado. Já os valores máximos, as médias e as medianas desses índices confirmam o resultado da classificação dos grupos, pois apresentam os maiores valores no grupo altamente diversificado, os menores valores no grupo com baixo grau de diversificação e valores intermediários para o grupo moderadamente diversificado. Já para a amostra CoopCresol, todos os valores mínimos, máximos, médios e medianas confirmam o resultado da classificação dos grupos.

Tabela 5. Resumo das medidas de diversificação da amostra CoopBrasil

Grupos	Variáveis	Mínimo	Máximo	Mediana	Média	Desvio – Padrão	C. Variação
Grupo 1 – Altamente Diversificado	DIV _A	0,2826	0,5000	0,4838	0,4761	0,0266	0,0559
	DIV _B	0,3116	0,7328	0,5695	0,5670	0,0470	0,0828
	RNOC	0,3708	0,8265	0,4755	0,4920	0,0865	0,1758
Grupo 2 – Moderadamente Diversificado	DIV _A	0,3826	0,4812	0,4321	0,4306	0,0222	0,0515
	DIV _B	0,3921	0,5345	0,4795	0,4734	0,0327	0,0690
	RNOC	0,2595	0,4233	0,3302	0,3303	0,0363	0,1099
Grupo 3 – Baixo Grau de Diversificação	DIV _A	0,0031	0,3845	0,2867	0,2736	0,0855	0,3125
	DIV _B	0,0031	0,4094	0,2950	0,2844	0,0919	0,3231
	RNOC	0,0016	0,3435	0,1776	0,1768	0,0669	0,3783



Fonte: dados da pesquisa

Tabela 6. Resumo das medidas de diversificação CoopCresol

Grupos	Variáveis	Mínimo	Máximo	Mediana	Média	Desvio – Padrão	C. Variação
Grupo 1 – Altamente Diversificado	DIV _A	0,4298	0,5000	0,4746	0,4752	0,0131	0,0276
	DIV _B	0,5214	0,6300	0,5547	0,5580	0,0272	0,0488
	RNOC	0,3811	0,5939	0,4195	0,4380	0,0542	0,1237
Grupo 2 – Moderadamente Diversificado	DIV _A	0,3826	0,4641	0,4388	0,4342	0,0219	0,0505
	DIV _B	0,4172	0,5269	0,4949	0,4854	0,0283	0,0583
	RNOC	0,2606	0,3863	0,3326	0,3310	0,0324	0,0978
Grupo 3 – Baixo Grau de Diversificação	DIV _A	0,2244	0,3670	0,3615	0,3177	0,0808	0,2543
	DIV _B	0,2343	0,3970	0,3954	0,3423	0,0935	0,2731
	RNOC	0,1305	0,2475	0,2471	0,2083	0,0674	0,3235

Fonte: dados da pesquisa.

O índice RNOC mostra que, na amostra CoopBrasil, as cooperativas altamente diversificadas obtêm em média 49,20% das suas receitas operacionais oriundas de outras atividades que não crédito. Já nas cooperativas moderadamente diversificadas essa proporção é em média de 33,03% e 17,68% nas cooperativas com baixo grau de diversificação, o que confirma o resultado da classificação em grupos. O grupo altamente diversificado da amostra CoopCresol obtêm em média 43,80% das suas receitas oriundas de outras atividades que não crédito, o grupo moderadamente diversificado obtêm 33,10% e o grupo com baixo grau de diversificação obtêm 20,83%, o que confirma os grupos formados.

Quando se comparam as duas amostras, percebe-se que os grupos formados a partir da amostra CoopCresol se mostraram mais homogêneos que os grupos formados a partir da amostra CoopBrasil. Em todos os índices, o coeficiente de variação se mostrou menor na amostra CoopCresol. Isto é justificado pois, as cooperativas pertencentes ao mesmo sistema tendem a adotar uma padronização na gestão e nos serviços ofertados aos cooperados.

5 Considerações finais

Este estudo procurou classificar as cooperativas vinculadas a Cresol Confederação quanto ao seu grau de diversificação e compará-las com as demais cooperativas brasileiras. Para tanto, utilizou-se da metodologia apresentada por Vieira e Bressan (2017), classificando em três grupos de acordo com o grau de diversificação primeiramente as cooperativas brasileiras e depois as cooperativas do sistema Cresol.

Na amostra CoopBrasil, corroborando os resultados obtidos por Vieira e Bressan (2017), verificou-se uma predominância das cooperativas altamente diversificadas e moderadamente diversificadas, já que a análise de agrupamento revelou que 50,11% das cooperativas desta amostra foram classificadas como altamente diversificada, 25,00% como moderadamente diversificada e 24,89% como baixo grau de diversificação. Esta predominância também se repetiu, porém de forma mais acentuada, quando se analisou a amostra CoopCresol, onde 55,68% das cooperativas foram classificadas como altamente diversificadas, 40,91% como moderadamente diversificadas e apenas 3,41% foram classificadas como baixo grau de diversificação.

Os resultados obtidos indicaram que as cooperativas vinculadas a Cresol Confederação



possuem uma estrutura diversificadas assim como as cooperativas brasileiras. O que indica que essa confederação é capaz de proporcionar às suas cooperativas singulares a estrutura necessária para ofertar aos associados de um amplo portfólio de produtos e serviços.

Dentre as limitações encontradas neste estudo destaca-se que o foco primordialmente quantitativo ignora os fatores que levam à decisão de diversificação, que podem ser diferentes entre os sistemas e mesmo entre cooperativas. Além disso, essa análise não considerou se a diversificação se reverteu em benefícios diretos aos associados e em melhorias nos índices de desempenho das cooperativas. Por fim este estudou objetivou fornecer mais dados empíricos para a discussão sobre a estratégia de diversificação nas cooperativas de crédito, mas não intencionou esgotar o assunto. Assim, entende-se que há espaços para novas análises com os dados utilizados nesta pesquisa, principalmente no entendimento dos benefícios que o cooperado recebe diretamente na diversificação.



Referências:

- Acharya, V., Saunders, A., & Hasan, I. (2002). The Effects of Focus and Diversification on Bank Risk and Return: Evidence from Individual Bank Loan Portfolios. *CEPR Discussion Paper*, 3252.
- Baele, L., De Jonghe, O., & Vander Venet, R. (2007). Does the stock market value bank diversification? *Journal of Banking and Finance*, 31(7), 1999–2023. <https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2006.08.003>
- Banco Central do Brasil. (2019a). *Apresentação do presidente Roberto Campos Neto em evento promovido pela Organização das Cooperativas Brasileiras, na Casa do Cooperativismo*. https://www.bcb.gov.br/conteudo/home-ptbr/TextosApresentacoes/Apresentação_Presidente_RCN_Cooperativismo_25_6_2019.pdf
- Banco Central do Brasil. (2019b). *Panorama do sistema nacional de crédito cooperativo*. https://www.bcb.gov.br/content/estabilidadefinanceira/coopcredpanorama/panorama_cooperativas_sncc_2019.pdf
- Camargo, P. O. (2009). *A evolução recente do setor bancário no brasil*. Unesp.
- Confedrás. (2019). *Panorama do Cooperativismo Financeiro no Brasil*. <http://www.cresolconfederacao.com.br/institucional.php?idnt=4&modulo=6&idmen=5>
- Cresol Confederação. (2019). *Institucional: Quem somos?* <http://www.cresolconfederacao.com.br/institucional.php?idnt=4&modulo=6&idmen=5>
- Esho, N., Kofman, P., & Sharpe, I. G. (2005). Diversification, Fee Income, and Credit Union Risk. *Journal of Financial Services Research*, 27(3), 259–281. <https://doi.org/10.1007/s10693-005-1804-0>
- Ferreira, J. H. L., Zanini, F. A. M., & Alves, T. W. (2019). Bank revenue diversification: Its impact on risk and return in Brazilian banks. *Revista Contabilidade e Finanças*, 30(79), 91–106. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201805810>
- Goddard, J., McKillop, D., & Wilson, J. O. S. (2008). The diversification and financial performance of US credit unions. *Journal of Banking & Finance*, 32(9), 1836–1849. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2007.12.015>
- Hernández-Trasobares, A., & Galve-Górriz, C. (2017). Diversification and family control as determinants of performance: A study of listed business groups. *European Research on Management and Business Economics*, 23(1), 46–54. <https://doi.org/10.1016/j.iedeen.2016.04.001>
- Köhler, M. (2014). Does non-interest income make banks more risky? Retail- versus investment-oriented banks. *Review of Financial Economics*, 23(4), 182–193. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.rfe.2014.08.001>
- Kupfer, D., & Hasenclever, L. (2013). *Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas*. Oxford University Press.
- McKillop, D. G., & Wilson, J. O. S. (2012). Credit Unions: A Theoretical and Empirical Overview. *SSRN Electronic Journal*, 44(0), 0–77. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1702782>
- Mercieca, S., Schaeck, K., & Wolfe, S. (2007). Small European banks: Benefits from diversification? *Journal of Banking & Finance*, 31(7), 1975–1998. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2007.01.004>
- Penrose, E. (2009). *The theory of the growth of the firm* (5th ed.). Oxford University Press Inc.
- Pinheiro, M. A. H. (2008). Cooperativas de Crédito: história da evolução normativa no Brasil. In *Banco Central do Brasil* (6th ed.). BCB. https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/outras_pub_alfa/livro_cooperativas_credito.pdf



- Santomero, A. M., & Eckles, D. L. (2000). The Determinants of Success in the New Financial Services Environment: Now that Firms Can Do Everything, What Should They Do and Why Should Regulators Care? *Economic Policy Review*, 6(4), 11–23.
- Stiroh, K. J. (2004). Diversification in banking: Is noninterest income the answer? *Journal of Money, Credit and Banking*, 36(5), 853–882. <https://doi.org/10.1353/mcb.2004.0076>
- Vieira, C. A. M., & Girão, L. F. de A. P. (2016). Diversificação das receitas financeiras e risco de insolvência dos bancos brasileiros. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 28, 4–17. <https://doi.org/10.11606/rco.v10i28.111758>
- Vieira, L. K., & Bressan, V. G. F. (2017). Estrutura de diversificação das cooperativas de crédito brasileiras. In *Prêmio ABDE-BID* (pp. 259–287). ABDE Editorial. https://abde.org.br/wp-content/uploads/2018/06/MIOLO-PREMIO-ABDE-2017_WEB_interativo.pdf

ORGANIZAÇÃO

